

Como dá a ficção conta das trocas reais orais?

**DUARTE,
ISABEL MARGARIDA**
iduarte@letras.up.pt

Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Investigadora e membro dos Conselhos Diretivo e Científico do Centro de Linguística da
Universidade do Porto

PALAVRAS-CHAVE:
oral;
ficção narrativa;
instruções de oralização.

RESUMO: O objetivo deste trabalho é dar conta de como, num conjunto de sete obras de ficção narrativa, consideradas verosímeis quanto ao realismo da linguagem coloquial utilizada, sobretudo nas falas de personagens, mas não só, se trabalha literariamente algumas características dos discursos orais informais. A pesquisa parte do levantamento de dez traços próprios do oral, recolhidos num pequeno *corpus* em construção, constituído por transcrições ortográficas de produções orais informais, e procura fenómenos homólogos, num conjunto de narrativas portuguesas de teor oralizante. Conclui-se (1) que são necessários mais trabalhos de descrição linguística pragmática do discurso oral, em Português Europeu; (2) que mesmo narrativas que buscam a verosimilhança, introduzindo instruções de oralização várias para produzir um “efeito de real”, estão, por questões de legibilidade, afastadas das características do discurso oral real, que não podem por natureza assumir. O que fazem é recriar, estilizando-os, alguns dos traços mais salientes desse discurso que procuram mimetizar.

KEYWORDS:
oral;
narrative fiction;
oralization instructions.

ABSTRACT : The aim of this paper is to present how, in a group of seven works of narrative fiction, considered credible when it comes to the realism of the colloquial language used, especially in the discourses of the characters, some characteristic of formal and informal discourses are literarily worked. The research starts with the survey of ten particular oral features, collected in a small corpus under construction, built by orthographic transcriptions of informal oral productions, and the search for homologue phenomena in a group of oralizing Portuguese narratives. We conclude (1) that more works of pragmatic linguistics description of the oral discourse in European Portuguese are needed; (2) that even the narratives that are aiming for plausibility and introduce several oralization instructions to produce a “real effect” are, for reasons of readability, far from the characteristics of a real oral discourse, which they cannot assume due to their nature. What they do is to recreate and stylize some of the outstanding features of that discourse that they intend to mimic.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho¹ tem dois objetivos centrais: em primeiro lugar, mostrar a distância entre o discurso oral informal e a sua transposição escrita fictiva e, em segundo, analisar o modo como essa transposição visa resolver os problemas que decorrem dessa distância. Tais objetivos partem de um pressuposto que deve ficar claro desde já: apesar da dicotomia referida, não confundimos oral com informal. Há discurso orais formais e informais e a formalidade dos discursos não tem a ver com o facto de serem orais ou escritos. Entre o escrito mais formal e o oral informal e quotidiano, há um *continuum* de variações ténues. No caso que agora nos importa, trata-se de estudar o modo como a ficção procura transpor o discurso informal oral. Temos consciência de que se trata, no que diz respeito à transposição do oral informal para a ficção, de uma «représentation élaborée» (Traverso, 2004, p.103) de diálogos autênticos. A narrativa literária não procura imitar o oral, refleti-lo, mas, na opinião da autora citada, tenta remodelar as trocas reais orais, estilizando-as.

Para atingirmos os objetivos propostos, escolhemos fazer uma comparação entre alguns dados de um *corpus* oral² e extratos de narrativas portuguesas consideradas verosímeis do ponto de vista da linguagem familiar utilizada. Quanto ao pequeno *corpus* oral, é composto, maioritariamente, por trocas orais que fazem parte de doze reportagens radiofónicas³, também por transcrições de entrevistas da televisão e por algumas conversas autênticas gravadas e posteriormente registadas por escrito, segundo a norma REDIP (Ramilo & Freitas, 2002).

No que concerne aos excertos de narrativas portuguesas, foram retirados das seguintes obras: *Os Maias*, de Eça de Queirós (1888), *Bichos*, de Miguel Torga (1940), *Este verão o emigrante là-bas*, de Olga Gonçalves, (1978), *Balada da Paria dos Cães*, de José Cardoso Pires (1982), *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago (1984), *A viagem do elefante*, do mesmo autor (2008) e *Que farei quando tudo arde?*, de António Lobo Antunes (2001). São narrativas cujo estilo se apropria, frequentemente, das características da «espontaneidade da fala do dia-a-dia para melhor atingir os seus objetivos» (Preti, 2004 : 121), ou seja, para provocar um «efeito de real» (Barthes, 1968).

1. Uma versão próxima deste texto, em francês, foi apresentada ao *Colloque international Les rapports entre l'oral et l'écrit dans les langues romanes*, que teve lugar na Université Paris 8 Vincennes Saint-Denis, nos dias 9 e 10 de dezembro de 2011 (entregue para publicação na revista *Travaux et documents*).

2. Trata-se de um *corpus* que constitui o ponto de partida de um trabalho que, na etapa presente, pretende (1) descrever as particularidades de trocas orais, sobretudo para poder estudar marcadores discursivos e certos fenómenos de cortesia verbal e de atenuação; (2) comparar o PE e o PB dos pontos de vista referidos; (3) comparar o PE e o espanhol.

3. Transcrições ortográficas de conversas orais das reportagens radiofónicas *Viagens com Livros*, CD, 1996, Strauss / TSF (jornalista: João Paulo Guerra).

Da análise do corpus oral, pudemos retirar algumas conclusões que importam para a nossa reflexão presente: (1) que o romance transpõe a oralidade de modo muito simplificado, mesmo quando essa transposição parece verosímil; (2) que a oralização pode ser encontrada nos diálogos, mas também no discurso do narrador; (3) que é preciso fazer um estudo mais aprofundado do discurso oral para podermos justificar todas as nossas intuições.

2. ALGUNS TRAÇOS DO DISCURSO ORAL RECENSEADOS NO CORPUS E SUAS CORRESPONDÊNCIAS NA FICÇÃO NARRATIVA

Do conjunto de características elencadas no *corpus* oral examinado, vamos selecionar dez traços marcantes e verificar de que forma a ficção narrativa os recria.

2.1. PRESENÇA DE LÉXICO FAMILIAR E MESMO POPULAR

Partimos de um exemplo de Bichos, de Miguel Torga, do conto “Tenório”, onde estão presentes palavras e expressões que visam reelaborar a informalidade do léxico familiar obviamente mais usado na oralidade do que na escrita, habitualmente mais refletida e vigiada do ponto de vista lexical (“bandalho”, “o cabrão”, “o filho da mãe”, e a expressão idiomática “saber da poda”):

(1) Mal acabara de lhe dar as boas-vindas, já o bandalho chamava aos peitos a Garnisé! Cegou-se. O cabrão! E ajustaram contas logo ali.

Mas o patife sabia da poda. Tinha prática, o filho da mãe! (p.74)

2.2. PRESENÇA DE PROVÉRBIOS E EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Estes elementos polilexicais, como o referido no exemplo (1), não são exclusivos da oralidade mas mais tipicamente os encontramos em discurso orais do que nos escritos. No caso concre-

to do José Saramago, a cuja obra fomos buscar o exemplo (2), tais unidades são reutilizadas e transformadas com particular mestria literária, como tem sido abundantemente reconhecido.

(2) Um provérbio, se por tal nome o dito pode ser designado, e que tanto terá de português como de indiano e universal, resume de maneira elegante e eloquente situações como esta, quando te recomenda que deverás fazer o que eu te diga, mas não fazer o que eu faça. (Saramago, 2008, p.228).

2.3. INTERRUPÇÃO DO INTERLOCUTOR QUANDO FALA: ENUNCIADOS SOBREPSTOS

No que se refere à característica das trocas orais informais que seguidamente exemplificaremos, já a narrativa de ficção tem um comportamento bastante diferente do revelado nos dois exemplos anteriores. Com efeito, as interrupções de turno que a ficção nos oferece são muito mais “civilizadas” do que aquilo que realmente acontece nas nossas trocas orais quotidianas e despreocupadas. É frequente, nos diálogos do *corpus* oral estudado, um interlocutor interromper o outro, o que origina sobreposições de enunciados que nem sempre são compreensíveis nem passíveis de transcrição, embora possam estar gravados. Esta tendência para a interrupção do discurso alheio para o completar e tentar adivinhar os pensamentos do interlocutor não é, no caso do Português Europeu, pelo menos, sentida como descortês mas, bem pelo contrário, é vista como uma manifestação de interesse e de solidariedade comunicativa entre os interlocutores, o que não acontecerá em outras línguas e outras culturas. Falando de cortesia verbal, escreveu Leech (1983):

Politeness is manifested not only in the content of conversation, but also in the way conversation is managed and structured by its participants. For example, conversational behaviour such as speaking at the wrong time (interrupting) or being silent at the wrong time has impolite implications. (Leech, 1983 : 139).

Temos em (3) a transcrição de uma interrupção oral real em contexto dialogal, um exemplo que não é, a nosso ver, descortês. Ao interromper o interlocutor, o entrevistador quer apenas fazer avançar a conversa e há até uma espécie de conivência comunicativa entre os enunciantes:

(3) FS: [...] quanto ao(:) movimento(:) de passageiros evidentemente que poderiam ser ma(:)is se(:) evidentemente parassem cá todos os comboios, infelizmente isso não acontece, porque... >

E: quantos comboios param aqui por dia?

Na ficção narrativa, as interrupções são relativamente pouco frequentes, para que o texto se não torne ilegível. Em todo o caso, há ficção recente em que as permanentes interrupções discursivas parecem talvez tentar reproduzir as que ocorrem em contexto de discurso oral informal (como (3)). Vejamos um exemplo de António Lobo Antunes, um dos autores cuja prosa se nos apresenta mais entrecortada, até sintaticamente:

(4) – O que pretendem dizer-me?

e os ponteiros distraídos, a minha mulher

- Estás a falar com quem?

e como explicar-lhe

digam-me

que a minha mãe ali, o monte do holandês bordado de limoeiros, penedos com ervas em torno que o professor da escola nos obrigava a respeitar

- Túmulos de guerreiros lusitanos, respeitem

e apenas narcejas naqueles calhaus enormes, como explicar

- Estás a falar com quem?

que a minha mãe ali no relógio, o cheiro dos remédios, primas de terço, pezinhos cautelosos, o meu pai para nós

-Vão brincar na dispensa enquanto o enfermeiro (2001, p. 319-320).

2.4. REFORMULAÇÃO DO DISCURSO PARA O TORNAR MAIS PRECISO

No discurso oral, os enunciados são permanentemente objeto de reformulações, dado serem produzidos em tempo real, isto é, online, ao mesmo tempo que estão a ser planificados. Ao respeitar a Máxima da Quantidade de Grice (1975), o locutor quer ser tão informativo como se espera que seja e, em consequência, tem tendência para ir tornando o seu discurso o mais eficiente possível. A necessidade de rigor exige, assim, que o locutor reformule o que diz para ser mais preciso, mais fiel à verdade, mais convincente. Daremos conta de reformulações típicas do discurso oral retiradas do *corpus* onde, aliás, o processo é muito frequente:

(5) E: < o que é que, o que é que nós vemos daqui?

MG: ora, vemos resen(:)de mal se vê resende vê-se uma pontinha de resen(:)de vê-se cárquere, eh... vê-se cinfã(:)es, e ele também escolhê... eh... escreveu lá várias obras

Estamos, no exemplo em apreço, perante dois tipos diferentes de reformulação. Por um lado, o locutor tenta tornar o seu enunciado mais informativo e mais preciso e juxtapõe a uma sequência considerada pouco informativa duas outras que a precisem (“vemos resen(:)de mal se vê resende vê-se uma pontinha de resen(:)de”). No segundo caso, a reformulação decorre do facto de o locutor se enganar. Ao dar-se conta do equívoco, interrompe-se e corrige-se imediatamente: “ele também escolhê... eh... escreveu lá várias obras”.

As reformulações são um processo discursivo caro a Lobo Antunes e o seu papel na economia das narrativas do autor foi já estudado⁴. Trata-se de fazer avançar a narrativa, acrescentando sempre uma pequena insinuação que vai ficando a germinar no espírito do leitor e

4. Veja-se, por exemplo, Figueiredo (2002).

abre novos possíveis narrativos. Depois de um grupo nominal, temos a sua negação e posterior substituição por outro, aparentemente mais verdadeiro em relação ao real que procura referir. Vejamos um exemplo, do romance já citado acima:

(6) [...] e o meu pai a cantar

não o meu pai, um palhaço de plumas e lantejoulas e cabeleira postiça

não o palhaço, uma mulher, tanto pires por quebrar na cozinha [...] (2001, p.16)

O grupo nominal “o meu pai” é primeiro reformulado por um outro (“um palhaço de plumas e lantejoulas e cabeleira postiça”) e depois por um terceiro “uma mulher”, assim tornando mais subtilmente precisa a identidade ambígua e dupla do pai do protagonista.

No exemplo retirado do romance de Olga Gonçalves, estamos mais próximos das reformulações por correção que também recenseamos no corpus (ver segunda ocorrência referida em (5)). Sendo *Este verão, o emigrante, là-bas*, como outras obras da autora, aparentes transcrições de falas de personagens que dialogam com a narradora, sem que a voz desta se ouça nunca, a não ser no eco que deixam as suas palavras nas réplicas das personagens, vejamos a reformulação do exemplo (7):

(7) Pois foi apanhado pelo comandante e entregue às autoridades. Veio beber água, saiu do bote – ou isso, da baleeira – cuidou que o não viam. Pois foi apanhado pelo Comandante! (1978, p. 34).

Neste exemplo, a locutora diz “bote”, mas é corrigida por alguém que com ela dialoga e cujas palavras nunca são transcritas (a narradora); aceita a correção (“ou isso, da baleeira”), reformulando o seu discurso, ou seja, neste caso, substituindo a designação da embarcação (“bote”) por um termo mais rigoroso (“baleeira”).

Não encontramos na ficção, no entanto, um outro exemplo de reformulação atestada no *corpus* e que decorre de o locutor verbalizar em voz alta os seus pensamentos, porque fala

ao mesmo tempo que planifica o seu discurso, como acima se disse. Atente-se no exemplo transcrito, em que quem responde vai enumerando, em voz alta, os comboios que param, diariamente, na estação de Arêgos:

(8) E: quantos comboios param aqui por dia?

FS: eh... ora(:) no sentido descendente, três quatro cinco(:). sete comboios, descendentes a(:)scendentes, portanto(:), dois três quatro cinco. s... também sete, também sete, [...].

2.5. REPETIÇÕES

As repetições são uma das características típicas do discurso oral que, no entanto, não são transpostas tais e quais para a ficção. Como veremos, as repetições do discurso fictício são enfáticas e não pretendem sequer mimetizar o carácter hesitante das repetições orais:

(9) E: o senhor é capaz de me descrevere(:) como era a viagem, como era a entrada(:), a viagem desde salamanca entrando em portugal, como é que era essa viagem entre(:) entre a última estação em espanha e a primeira(:) a primeira estação em portugal

De *Os Maias*, a obra prima de Eça de Queirós, transcrevemos uma repetição enfática que testemunha a diferença entre as repetições da ficção e as do discurso oral real:

(10) – Deve-se começar pelo latinzinho, deve-se começar por lá... É a base; é a basezinha!

– Não! Latim, mais tarde! – exclamou o Brown, com um gesto possante.

– Primeiro forrça! Forrça! Músculo...

E repetiu, duas vezes, agitando os formidáveis punhos:

– Primeiro, músculo, músculo!...

2.6. MARCADORES DISCURSIVOS TÍPICOS DO ORAL

A ficção narrativa incorpora, com frequência, marcadores discursivos típicos da oralidade, como forma de verosimilhança linguística. A título de exemplo, vejamos, no corpus oral, alguns desses marcadores cuja função é sobretudo pragmática e de difícil descrição⁵. Em (11), o marcador atenua, modaliza a força da asserção anterior do locutor (cf. também o verbo epistémico “suponho”):

(11) **E:** e essa história é atribuída a quem?

AL: eu(:) eu suponho que foi, o(:) guerra junqueiro, que, é(:) da autoria dele vá

Em (12), o marcador discursivo como que se usa para solicitar ao alocutário uma espécie de confirmação do dito, mas funciona como um bordão, um ponto do discurso em que o locutor se apoia para poder planificar o que vai dizer a seguir:

(12) **AL:** vínhamos sempre à margem do rio águeda, isto é do lado esquerdo **não é?**, o águeda, vinha, ao lado esquerdo, e(:), entrámos na [arroto] saímos no último túnel, e entrámos na ponte(:) internacional, sobre o águeda **não é?**

Marcadores discursivos deste tipo aparecem na ficção narrativa como instruções de oralização do discurso. Nos três excertos que se seguem, de Saramago, de *O ano da morte de Ricardo Reis* (páginas 155-156, 152 e 55 respetivamente), temos exemplos do efeito coloquializante provocado pela inclusão destes elementos em excertos de falas de personagens na ficção:

(13) [...] então dia vinte e seis, depois do carnaval, muito bem, ficam reservados os dois quartos, não senhor doutor, **ora essa**, em primeiro lugar estão os clientes amigos, [...]

(14) Quem a mim ma dera, senhor doutor, quem a mim ma dera, mas uma fêmea daquelas demanda muitas posses, **claro** que isto é só um falar da boca para fora, comichão de dentes, a gente sempre tem de dizer alguma coisa, **não é**, Parece que sim, [...]

5. Porque têm apenas, por vezes, função pragmática difícil de descrever, estas partículas discursivas são de difícil tradução. Por exemplo, tendo em conta o exemplo (15) a seguir transcrito, “claro” desaparece na tradução francesa do romance de Saramago: *Non, vous devez confondre avec d'autres personnes, à ma connaissance ils ne sont jamais allés au Brésil, ils viennent ici depuis trois ans, nous avons pas mal discuté, un voyage pareil ils m'en auraient parlé.* p.54

(15) Não, deve tê-los confundido com outras pessoas, que eu saiba nunca estiveram no Brasil, vêm aqui há três anos, temos conversado, **claro**, era natural que me tivessem falado duma viagem dessas,

2.7. INTERROGAÇÃO PARCIAL TÍPICA DO ORAL INFORMAL SEM MOVIMENTO DO CONSTITUINTE INTERROGADO

No exemplo (12), tínhamos a seguinte construção que, embora perfeita na oralidade informal, seria inaceitável num discurso mais vigiado: “E essa história é atribuída a quem?”. Esta interrogativa passaria, num contexto mais formal e num registo normativo, a ser “E a quem se atribui essa história?”. Tal ocorrência, retirada do *corpus* oral, é idêntica à do exemplo (4), de Lobo Antunes, citado anteriormente: “- Estás a falar com quem?” que deveria ser, em contexto mais formal “Com quem estás a falar?”.

Trata-se de uma forma de interrogação parcial típica do oral informal, que a norma escrita ou um registo oral mais formal não aceitariam bem. Através da resposta a esse tipo de interrogativas, o locutor procura identificar uma entidade, sem movimento do constituinte interrogado (Brito, 2003 : 465).

2.8. FRASES INACABADAS, MUDANÇAS DE ASSUNTO OU DE MODO DE ABORDAR O ASSUNTO, HESITAÇÕES E INTERRUPÇÕES

Uma das características do discurso oral informal é a existência de frases inacabadas, consequência de mudança de rumo ou agulhagem discursiva, de alterações de tópico ou de forma de abordar o tema, que não são transpostas para a escrita, cuja sintaxe é mais normativa.

O exemplo (16) é muito eloquente quanto à presença destas marcas da oralidade:

(16) quanto à(:) estação, eh... de caminho de ferro, evidentemente que(:) isto va(:)i, já fez

um(:) século quando foi da inauguração, de de, dos cem anos da linha, que até veio cá o senhor presidente da república mário soa(:)res, e(:) acontece que(:), enfim é uma estaçã(:)o com as suas características boni(:)ta virada aqui à(:) ao douro, e co(:)m com as vistas panorâmicas da albufei(:)ra de carrapatelo,

É ainda de Lobo Antunes e do seu discurso entrecortado e aparentemente interrompido que nos lembramos a propósito deste discurso oral, titubeante e cheio de hesitações. Mas outros escritores conseguiram efeitos de verosimilhança, como no excerto de Olga Gonçalves que transcrevemos em (17):

(17) Mas a segunda vez conseguiu. Foi no, foi num outro barco, não me lembra o nome. (1978, p. 17)

A verosimilhança em relação ao discurso oral não decorre apenas da interrupção e da reformulação (“foi no, foi num outro barco”), mas também no uso de “não me lembra” em vez do normal uso da primeira pessoa do singular “não me lembro”⁶. Estas marcas oralizantes estão longe, no entanto, das hesitações, repetições e balbuceios do discurso oral, que justificam plenamente que o segundo interlocutor venha em socorro do primeiro, ajudando-o a ultrapassar as dificuldades discursivas reveladas no final do seu turno de fala:

(18) E: o facto de da da da estação ter este(:) peso(:) histórico eh... ligado ao, ao eça de queiroz eh... já deu que atraísse para aqui pessoas só para isto? P’ra p’ra p’ra p’ra... >

FS: é(-) visitado principalmente no verão vêm cá mu(:)itas pessoas de vários pontos do país, eh... visitar a estação po(:)rque sabem, como existe a quinta de tormes e sabem que era aqui a estação e está aqui estas, estas placas da ideia da, do centenário, e vêm cá e admiram muito e procuram logo, vão... há algu(:)ns que evidentemente não sa(:)bem onde é a quinta de tormes para ir visitar lá a fundação do eça

6. Almeida Garrett usou esta mesma forma coloquializante no poema “Este inferno de amar”, de *Folhas Caídas*: “Eu não sei, não me lembra: o passado”. p.54

2.9. PARTÍCULAS MODAIS FREQUENTES NA ORALIDADE

No corpus de ficção utilizado por nós, há, com alguma frequência, partículas modais que são abundantes no oral informal e que estão pouco descritas, no caso do PE. Darei exemplos do corpus oral e, seguidamente, de ocorrências retiradas da ficção narrativa.

Em (19) e em (21), «lá» parece reenviar para um espaço psicológico separado do espaço do eu (Duarte, 2010); em (20) e em (22), «lá» tem valor de negação, equivalendo a expressão «sei lá» a «não sei», mas sendo frequentemente usada, na oralidade, dentro de uma enumeração:

(19) **MG:** < mas eh... lá vinha cheio de fome pela maneira [risos] e e ele... >

(20) **E:** e não compreende as pessoas, sei lá como o como o como as personagens do eça de queiroz, que às tantas se sintam cansados da cidade e prefiram vir viver para aqui?

São exemplos idênticos aos retirados do romance de Cardoso Pires (p. 58 e 211) e de que a seguir se dá conta:

(21) **Dantas C:** “Não diga nomes, Fontenova. O Comodoro se ainda não deu sinal lá tem as suas razões”.

(22) Posso contar tudo, os sítios, as maneiras, sei lá, essas coisas podem ser importantes para os homenzinhos do relatório, então não são.

2.10. FALSOS PRONOMES QUE PARECEM OCUPAR O LUGAR DO SUJEITO

Embora talvez hoje não tão frequentes como algumas décadas atrás, é possível ouvirmos, nos discursos informais orais, pseudopronomes neutros (“isto”, “ele” “aquilo”) que parecem ocupar o lugar do sujeito gramatical da frase, em enunciados como os de (23)-(25):

(23) **E:** o senhor lembra-se, exatamente essa(:) e... dessa greve de de(:) de mil novecentos e quarenta e três? como é que foi? **aquilo**, toca... toca(:)... tocou lá o(:) apito lá da fábrica e ninguém pegou no trabalho foi assim?

(24) como viu o sorriso ela disse “oh, disse algum inconveniência?”, e **ele** claro houve um que lhe disse “ó miss eh..., desculpe é que não é o meu cozinho é a minha cozi(:)nha. o artigo”, “oh” “understand?”, ficou-se por ali,

(25) E: ele quando começava a conversa **aquilo** ia pela noite fora não?

Repare-se, por exemplo na ocorrência (23), em que o sujeito gramatical de “tocou” é “o apito da fábrica” e não “aquilo”. Em (24), “ele” não é o sujeito de “houve”, mas sim “um”. Embora seja um fenómeno escassamente estudado, é frequentemente reproduzido na ficção, como atestam os dois excertos de “Ladino”, de Bichos, de Miguel Torga (páginas 96 e 97):

(26) – **Aquilo** é que tem um peito! Numas brasas, com uma pitada de sal...

(27) – **Isto**, se uma pessoa se descuida, quando vai a dar conta está feita em torresmos. Que tempos!

2.11. IMITAÇÃO DOS TRAÇOS FONÉTICOS DE CERTAS VARIEDADES REGIONAIS E SOCIAIS

Por fim, atentarei brevemente na imitação que a ficção faz de certos traços fonéticos de algumas variedades diatópicas e diastráticas, ou de locutores estrangeiros que falam português, traços particularmente salientes no discurso oral. A imitação dessas características foi utilizada em todos os tempos pela ficção, frequentemente com propósitos paródicos, como no exemplo de Eça acima transcrito (ver (10)), ou em (28). No primeiro caso, a aliteração da vibrante procura imitar a pronúncia de Brown. No romance de Olga Gonçalves, parodiam-se dois traços da fala dos emigrantes minhotos que partiram para França nos anos sessenta do século XX: por um lado, o facto de o ditongo «ão» ser dito, na variante nortenha, «õ» e, logo, de «cão» se dizer «cõ». Por outro, a famosa «troca dos v pelo b» da pronúncia do norte, ou seja, a realização do «v» como «b», que faz com que a preposição «com» (realizada como o nome «cão»), seja traduzida para francês não por «avec», como seria de esperar, mas como

«abec». Estas marcas do falar nortenho serviriam para «a gente de fora do Minho» parodiar, com preconceito linguístico que não escapa à autora do romance, o emigrante minhoto e a sua fala característica:

(28) Muita vivenda em construção. E dizer-se que são quase todas do ‘abec’. Uó! Chama-lhe a gente assim ao emigrante. Chama-lhe assim a gente de fora do Minho. Se calhar a fazer pouco do minhoto! [...] Parece que ao perro aqui é hábito darem-lhe o nome de ‘cõ’, e que na França isso se diz ‘abec’. Ou isso: ‘avec’ ou ‘abec’, tanto dá! É daí que ao emigrante deram em chamar-lhe o ‘abec’! (Gonçalves, 1978, p. 59).

Estas ocorrências da ficção imitam exemplos concretos dos nossos discursos quotidianos e despreocupados, como (29) e (30). No primeiro, transcreve-se o modo de falar português de um membro de uma tradicional família inglesa ligado ao vinho do Porto, com a previsível troca do género das palavras (“o pessoa”) e os verbos mal conjugados (“eu [...] consegue”), por exemplo. No segundo, refere-se parodicamente a característica já assinalada em (28), no caso “uma nação dentro doutra nação”:

(29) JS: eh..., eu pessoalmente(:) não falo bem português nunca(:), nunca tenho(:), falado muito bem e eu meu, por acaso meu sou eh..., d... d... t... de toda a nossa família eu sou(:), talvez o(:)... pessoa que fala... com mais... o pior português, os meus primos, falam muito melhor do que eu, mas realmente não eu eh..., eu não t... embora eu não fale bem não tenho muito vergonha em falar, assim mal português e(:) por isso eh... consegue, eh..., integrar bem com os portugueses sem(:) sem ser um obstáculo mas, realmente, eu acho que é uma língua difícil

(30) o inglês que veio para aqui(:) para explorar o douro para explorar o vinho do porto, aquela constante mui(:)to britânica do inglês que(:) dominava o vinho do porto mas só carregava o vinho do porto em barcos ingleses para Inglaterra, que nos seguros feitos nas companhias inglesas que estavam cá sediadas, ou seja havia quase que u(:)ma nação dentro da nação, ou à portuense “uma nação dentro doutra nação”. hoje não, hoje a coisa está de certo modo ultrapassada, já nos habituámos que o(:) vinho do porto é britânico, eh...

3. CONCLUSÃO

A ficção narrativa portuguesa mais recente imita a linguagem falada para criar um efeito de real e fazer parecer verdadeiro. Para tal, utiliza instruções de oralização do discurso como interjeições, partículas modais, marcadores discursivos típicos do oral, deslocações de constituintes, repetições, vocativos, reformulações, frases inacabadas, mudanças de rumo discursivo, frases elíticas, traços lexicais coloquiais e outros, típicos de registos pouco vigiados, falsos pronomes que parecem ocupar o lugar sintático do sujeito da frase, entre outros recursos. Tenta mesmo imitar traços fonéticos de determinadas variedades regionais ou sociais. Todas estas instruções não conseguem, no entanto, suprir, com verosimilhança, as especificidades do oral informal. Estamos, sempre, perante uma espécie de «traduction» tentant de rendre dans un code les caractéristiques d'un autre.» (Traverso, 2004, 104), isto é de tradução do código oral para o escrito ficcional. As palavras inacabadas, sobrepostas, as sílabas repetidas e prolongadas para que o pensamento tenha tempo para se reorganizar, as pausas preenchidas, as mudanças de direção discursiva não existem na ficção, que se tornaria, no limite, ilegível, no caso de utilizar estes recursos. Desde o Romantismo que a ficção portuguesa evoca ou representa a linguagem falada e tenta fazê-lo com verosimilhança. Algumas narrativas parecem ter atingido o máximo de aparência de realismo a nível de «imitação» da linguagem oral. Mas, mesmo em tais casos, estaremos sempre perante uma construção fictícia e não perante discurso oral.

Decidi partir de dados do *corpus* oral para pesquisar as respetivas transposições fictivas e não o inverso, quer dizer, tomar como ponto de partida narrativas de ficção para recensear nelas instruções de oralização do discurso. Este percurso do oral para o escrito de ficção narrativa teve como consequência fazer ressaltar que a ficção, mesmo a mais realista do ponto de vista da linguagem, se parece apenas com uma pálida imagem da vivacidade do oral, cujas tonalidades não foram ainda suficientemente descritas, do ponto de vista linguístico, no que toca ao PE.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R L'Effet de réel. In: Communications, 11, 1968, p. 84-89.
- BRITO, A. M. Interrogativas parciais. In Mateus, Maria Helena Mira et al. (Org.). Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa : Caminho, 2003, p. 463-476.
- DUARTE, I. M. In: La dimension modale de 'cá' et 'lá' en portugais. Studii si cercetari LINGUISTICE, LX, 2, 20008, p.179-195.
- FIGUEIREDO, O. Cadeias de referência do discurso. *A designação no romance Que farei quando tudo arde?* In: Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas, XX, II, 2002, p. 551-568.
- GRICE, H. P. Logic and Conversation. In : Cole, P. & Morgan, J. (Org.). Syntax and Semantics, vol. III, Speech Acts, 1975, p. 41-58.
- LEECH, G. Principles of Pragmatics. London- New-York: Longman, 1983.
- PRETI, D. Estudos de língua oral e escrita. Rio de Janeiro : Lucerna, 2004.
- RAMILO, M. C.; FREITAS, T. Transcrição ortográfica de textos orais: problemas e perspectivas. In DUARTE, I. M.; BARBOSA, J.; MATOS, S. & HÜSGEN, T. (Org.). Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Porto : Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2002, p. 55-67.
- TRAVERSO, V. L'analyse des conversations. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2004.

OBRAS LITERÁRIAS UTILIZADAS

- ANTUNES, A. L. Que farei quando tudo arde? Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003.
- GONÇALVES, O. Este verão o emigrante lá-bas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.
- PIRES, J. C. Balada da Paria dos Cães. Lisboa: Edições O Jornal, 1982.
- QUEIRÓS, E. Os Maias. Lisboa: Livros do Brasil, s/d (1ª ed. 1888).
- SARAMAGO, J. O Ano da morte de Ricardo Reis. Lisboa: Caminho, 1984; tradução francesa de Claude Fages: L'année de la mort de Ricardo Reis. Paris: Éditions du Seuil, 1988.
- SARAMAGO, J. A viagem do elefante. Lisboa: Caminho, 2008.
- TORGA, M. Bichos. 11ª ed. Coimbra, edição do autor, 1981 (1ª ed. 1940).
- Transcrições ortográficas de conversas orais das reportagens radiofónicas *Viagens com livros*, CD, Strauss/ TSF, jornalista João Paulo Guerra.